

«Uma poderosa e urgente visão do futuro.»

*The Guardian*



# ESTILICÍDIO

**CYNAN JONES**

ELSINORE

*Para P.F. e J.F.*

# ÍNDICE

**13**

O Comboio da Água

—

**25**

Flores de Papel

—

**37**

Borboletas

—

**49**

Costa

—

**63**

Tentilhão

—

**77**

Libélula

—

**91**

Telhado

—

**105**

Lago

—

**119**

Som

—

**131**

Água de Batata

—

**141**

Carta

—

**153**

Patrulha

—

**167**

*Nota do Autor*

—

**169**

*Agradecimentos*

—

estilicídio | s. m.

(i)fili'sidju

1. Queda de água gota a gota.
2. [Direito] Servidão de águas.

ETIM lat. *stillicidium* 'gotejamento', *stilla* 'gota' + *-cidium*,  
de *cadere* 'cair'

## O COMBOIO DA ÁGUA

A mão do rapaz abriu e fechou como se fosse agarrar um copo de água, mas eram só os nervos a morrerem-lhe através do corpo.

Por causa da chuva abundante, o sangue escorria do ferimento num rosa-pálido diluído.

Ali perto, um faisão voltava a cacarejar, um aviso estridente como os que lançam antes da trovoada.

A bala tinha penetrado no maxilar inferior do rapaz, arrancando-lhe essa parte do rosto.

Branner estava de pé, ao lado do corpo, a chuva batia-lhe no capuz, expulsando com o seu rufar o ruído apressado do comboio. Forte e ritmada, forte e ritmada.

Sentiu o tremor desvanecer no chão à medida que o comboio se afastava.

A mão do rapaz insistia em abrir a sua boca de espanto, um peixe a morrer fora de água.

A chuva açoitava o capuz de Branner. Açoiar. Capuz. Servia-lhe de abrigo para a mente. Um edifício donde ainda não tinha saído. Que o isolava do resto.

A parte superior do rosto do rapaz distinguia-se, perfeita e incólume.

Branner afastou o auricular para ouvir a chuva, e a voz do sargento parecia chegar-lhe de um lugar distante.

«Era um miúdo», disse Branner ao microfone.

\*

*Um silêncio como aquele que se segue a um violento golpe de vento.*

*Erguem-se na orla do campo, sobranceiros ao oceano, os pinheiros que se estendem na linha que a visão deles alcança.*

*Ela aperta a mão ao sentir o começo das palavras dele.*

*— Não quero que haja sofrimento.*

*A mão dela aperta com mais força. Não fales.*

*Ele quer dizer: Não quero que haja tempo para te imaginar em sofrimento.*

*— Não quero tempo para te imaginar em sofrimento.*

*A luz intensifica-se, como se crescesse em volume. Tempo. Não há no ar movimento algum, mas no chão agora um tremor que há um minuto se amplifica.*

*Depois, ao longe, o mar no horizonte parece desencrespar subitamente, como manteiga mole à passagem de uma faca cega.*

*Ela estrangula-lhe a mão, como que para silenciar a terra. Silencia-o.*

*Joguei que seria mais forte do que isto. Isto não, raiva não.*

*Ele apercebe-se nos últimos segundos do medo digno e nobre que ela sente enquanto as árvores à sua frente explodem. Explodem de silêncio.*

*Uma ave cruza o céu. Só e negra. Arde no ar, desfaz-se em cinzas.*

*Uma fração de segundo antes de ele despertar, a força assoma-lhe aos olhos.*

O sonho é como uma boca seca.

O silvo no auricular de Branner trouxe-o de volta a si, e ele notou o ponto vermelho a piscar na grelha do dispositivo de localização que segurava. Estava parcialmente abrigado da chuva, o corpo pressionado contra o salgueiro na linha dos 50 metros. A chuva caía copiosamente. Refreava a luz da aurora.

Viu na interrupção um alívio. Ao escutar as palavras da médica, tivera a impressão de que elas lhe chegavam como que através da água. Desde então, vinham adquirindo volume e solidez a cada momento. Agora pareciam esbarrar na carapaça do sonho



que o acompanha há semanas. Uma recorrência para a qual está a postos. O sonho agora como uma premonição.

«Já vi», disse Branner ao microfone.

Acompanhou o ponto vermelho a deslocar-se no dispositivo, a hesitar e a parecer parar. Uma ligeira condensação acumulava-se nas margens do ecrã.

Não havia maneira de saber o que seria o ponto vermelho, mas encontrava-se no setor e era suficientemente grande para ativar os sensores.

Veado. Cão. Homem. Se ainda estivesse vivo e presente quando o carregamento de água passasse, as armas de defesa do comboio disparariam automaticamente.

Não estavam dispostos a correr riscos neste momento. Os ataques à linha tinham aumentado.

Branner podia optar entre não intervir ou neutralizar o perigo. Podia disparar contra o alvo ou, caso nele não reconhecesse qualquer ameaça, comunicá-lo à torre, que cancelaria os disparos do comboio.

«Consegue lá chegar?» A voz do sargento chegava-lhe através do auricular, através do ruído da chuva que lhe fustigava o capuz.

«Consigno lá chegar», respondeu Branner. Era relativamente perto. Do lado oposto da linha.

«Deixe as armas do comboio tratar da questão », disse o sargento.

Branner sentiu a velha cicatriz no maxilar prender ligeiramente contra o correr do pelo do interior do capuz.

«Não. Eu vou.»

Há de ser um animal, pensou Branner. É escusado morrer sem motivo.

As gotas acumuladas nas longas folhas de salgueiro caíam pesadamente.

Branner examinou a espingarda e adentrou a chuva.

~

Uma indolência atrasava o tempo no posto de vigia. A chuva batia ao de leve no telhado de chapa ondulada.

O sargento e o oficial de linha observavam Branner no monitor — um ponto verde — ampliado umas quantas vezes. Era-lhes difícil ver apenas o ponto verde sem imaginarem o próprio Branner.

O facto de saberem qual o estado da mulher de Branner fazia-os olhá-lo de maneira diferente.

«Onde está o comboio?» A voz que invadiu abruptamente o posto parecia não ter qualquer relação com o ponto.

«Dentro do horário previsto. A 40 segundos do setor», respondeu o sargento, atentando nos dígitos que piscavam.

A chuva engrossava, tamborilando no posto de vigia. Golpeava-o.

— Não há nada como o verão — disse o sargento.

— Deviam ter feito um canal que desembocasse na cidade — disse o oficial. — Com esta chuva. E não uma linha férrea.

— Uma coisa é certa: a nós, não faltará.

O sargento sentiu o calor do café através da chávena, momentaneamente fascinado pelas volutas na superfície do líquido. O rumor confinado da chuva pelos sulcos do telhado.

O ponto vermelho hostil não se afastava. Movia-se apenas esporadicamente, e sempre no mesmo lugar.

— Está à espera — aventou o sargento.

Tentava desvendar alguma coisa através do ponto.

Na noite anterior tinha sido um cão, preso no silvado. Um rafeiro tihoso e atarracado.

— Limparam o mato naquela zona? — perguntou ele ao oficial de linha.

— Há 18 meses.

Branner demorava-se a atravessar a linha. Porque seria?

A água do depósito de águas pluviais no exterior do posto principiou a agitar-se num tremor quase impercetível. O sargento procurou o tremor no café que segurava.

— Deviam simplesmente pegar-lhe fogo todos os anos — disse ele.

Nunca conseguia desviar a atenção do contador nos segundos finais. Os dígitos a piscar. Raios, ele está a demorar.

Sabiam que vinha a caminho, mas os seus corpos deles puseram-se tensos quando o sinal sonoro se fez ouvir.

«Muito bem», disse o sargento pelo intercomunicador. «Comboio no setor. Tem de se apressar, John.»

~

Branner cruzou a linha junto a um dos velhos suportes da conduta que servira para levar água à cidade, antes do comboio.

A memória esbarrou contra a carapaça que o sonho formava em torno da sua cabeça, uma traça indolente contra vidro luzente. O momento em que se conheceram. Aqui, neste mesmo lugar, enquanto jovem soldado em serviço de patrulha, antes de se transferir para a polícia. Um grupo de ativistas tinha feito explodir uma bomba na conduta. Ele fora um dos poucos a resistir ao rebentamento. Arrastara homens que se afogavam na água derramada.

Ela fazia parte da equipa médica. Ele tinha sido a primeira pessoa que ela suturara.

A chuva trouxera consigo os insetos que picam, pairando sobre a linha férrea em nuvens breves, hipnotizados pelo zumbido agudo dos conversores de pressão.

Cheirava a metal molhado e a pedra.

Branner não estava devidamente sintonizado consigo mesmo. Não conseguia sair do momento em que estava com ela no seu sonho antes da explosão das árvores.

Comemos um muntíaco, naquele dia, pensou. Antes do rebentamento. Provavelmente é um muntíaco, aquele ponto vermelho.

Ao cruzar a linha, deteve o passo para pôr a mão num dos carris, o seu hábito de tocar no mundo para tentar trazê-lo de volta. Mas não conseguia concentrar-se inteiramente.

Viu-se por uma fração de segundo refletido na chuva que se acumulava no painel solar fixado à travessa. *Uma ave negra a desfazer-se em cinzas.*

Dissipou-se em céu, no momento em que a chuva lhe desfez a breve imagem.

Não muito longe dali, um faisão cacarejava, batia as asas, presentindo o iminente tremor no ar.

~

No posto de vigia, os melros começaram a cantar e o som por eles produzido depressa se avolumou. O depósito de águas

pluviais oscilava agora no sítio onde estava suspenso e no posto vibrava o inesperado canto bizarro que se alastrava pela estrutura de ferro.

— Porque é que ele ainda não está lá? — perguntou o sargento.

Ao menos, o ponto verde ganhava velocidade. Por momentos parecia hesitar, como se o próprio ponto tivesse de abrir caminho através das trevas do ecrã.

Viram Branner pelas câmaras no momento em que atravessava a linha férrea.

«Sente-se capaz de fazer isto?», perguntou o sargento, sem rodeios, através do microfone.

Viram Branner, a chuva a formar uma espécie de halo à sua volta, como se se deslocasse dentro de uma bolha.

«Sim.» No entanto, a voz parecia alheada.

— Ele está a demorar, sargento.

— É o Branner — disse o sargento. — Ele vai disparar.

A chuva intensificou-se de novo. Um ruído que se acercava. O comboio que transportava 45 milhões de litros de água para a cidade a uma velocidade de 320 quilómetros por hora.

Não desligues o dispositivo de localização, John, pensou o sargento. Não és esse tipo de pessoa. Disseste-nos que estavas bem.

Bastar-lhe-ia isso, desligar o dispositivo de localização e...

Os dígitos piscavam, o depósito de chuva a baloiçar.

«Esqueça, Branner. Afaste-se. Deve ser outro cão.»

~

A chuva atingia-o ao ritmo do comboio. No capuz. Capuz atingido. O cérebro dele era uma gruta.

«O que é?», perguntou o sargento.

«Não sei.»

Nada mais do que um ponto vermelho, anónimo, ameaçador, sobrepondo-se ao matagal na mira telescópica da espingarda de Branner, movendo-se minimamente a espaços.

«Não podemos abortar o ataque sem contacto visual, Branner. Dispare», ordenou o sargento.

Branner sentia agora o comboio no chão. A trepidação a aproximar-se, um abalo que se agigantava, ainda o véu do sonho, a imagem dos pinheiros que diante dele rebentam. *Explo-  
dem. Explodem de silêncio.*

Pensou na mulher, tomado de desespero.

Um tremor através da Terra, através do corpo dele.

O futuro agora: a queda de um edifício alto.

*Não quero que haja tempo para te imaginar em sofrimento.*

Podia simplesmente desligar o dispositivo de localização. Bastaria isso. As armas do comboio não me reconheceriam. E disparariam.

Imaginou por um momento a suspensão da matéria arrancada do solo pelos disparos, uma nuvem de folhas desfeitas e de galhos despedaçados, a terra espessa a descrever círculos através do miasma rosado das suas próprias células destruídas. O salto súbito de todas as coisas, antes de se renderem ao solo.

Sentiu a chuva descer pelo corpo da arma e contra as suas mãos.

Ali estava a sua alma, enroscada na mira, como se pudesse testemunhá-la.

Atingir. Capuz. A chuva. O comboio. As poças acumuladas em redor do sítio em que se ajoelhou a vibrar, a soltar-se. Quarenta e cinco milhões de litros de água, 320 quilómetros por hora.

«Branner.»

Havia urgência agora na voz do sargento, na chuva, o ar dava a impressão de se estilhaçar à passagem da força que se acercava.

Acudiram à mente de Branner o estrépito e a destruição do fogo cruzado; as armas de cano curto a ondularem, como pernas de centopeia.



Um barulho imenso. E depois eu desapareceria. Não teria de suportar mais isto. As palavras da médica.

Sentiu a arma calcular a distância, calcular a força.

«... segundos», perdidos no ruído que se adensava. O trajeto da bala, um sonho que irrompe em chamas e se carboniza, desfazendo-se em cinzas. O comboio, o estrondo de uma onda que rebenta.

Ser-lhe-ia tão fácil como arrancar um espigão preso na unha.

«A desimpedir o setor», disse Branner.

É a única coisa que te resta. O dever.

A água, cada vez mais escassa, tornou-se um produto de luxo. As antigas condutas de fornecimento foram destruídas e o risco de assalto ao Comboio da Água que serve a cidade é cada vez maior. As ruas enchem-se de protestos depois de anunciada a construção de uma Doca de Gelo gigantesca, obra que desalojará um maior número de pessoas do que o inicialmente previsto. São estes os acontecimentos que, de um modo ou de outro, acabam por ligar a vida de vários estranhos: uma enfermeira prestes a ter um caso amoroso; um rapaz em busca do seu irmão, por sua vez à procura de um cão vadio fora dos limites da cidade; uma mulher moribunda e o seu marido, um segurança do Comboio, dividido entre viver ou desistir, perseguido pelo passado e receoso do futuro que se assoma.


Situada num futuro talvez mais provável do que imaginário, *Estilicídio* é uma história de amor e perda, assim como a história de sobrevivência do nosso próprio mundo.

«Um enorme pequeno livro  
que descreve com detalhe um mundo futuro (...)  
Excitante, perturbador e essencial.»

***Financial Times***

«Neste livro de atmosfera poderosa,  
há momentos de pura poesia.»

***BBC Radio 4 Saturday Review***

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-999-564-276-2  9 789895 642762 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	